

INTRODUÇÃO:

SESSENTA ANOS DE *SYNTACTIC STRUCTURES*, DE NOAM CHOMSKY

*Aleria Lage*¹

Sentença → *Sintagma Nominal* + *Sintagma Verbal*

Sintagma Nominal → *Determinante* + *Nome*

Sintagma Verbal → *Verbo* + *Sintagma Nominal*

Nome → *homem, bola, etc.*

Qual foi a ideia seminal de Chomsky em *Syntactic Structures* (Chomsky, 1957), exemplificada nas regras de reescrita acima, que revolucionou tão profundamente o estudo da Linguística e de outras ciências cognitivas? Propriamente dita, a de que as línguas humanas são fruto da Faculdade da Linguagem e de que elas trazem em seu cerne uma sintaxe autônoma. Essa sintaxe como objeto de estudo é dedutível não a partir de uma língua, mas a partir de observações feitas sobre as semelhanças entre as línguas e sobre suas restrições. A concepção da sintaxe em *Syntactic Structures* (SS) permite a Chomsky suplantare a noção estruturalista, vigente na época do lançamento do livro, de que uma teoria teria que se ater àquilo que fosse observável na superfície. Em SS, Chomsky defende a posição racionalista forte de que uma investigação deve partir dos dados e fatos observáveis, mas não pode ficar reduzida a eles. Chomsky afirma que a tarefa de um linguista é escrever gramáticas, e as gramáticas devem ser entendidas como máquinas que podem gerar as sentenças de uma língua, não apenas sentenças de um *corpus* finito, mas também aquelas que ainda poderão ser ditas.

As ideias impactantes e revolucionárias propostas em SS, que mudaram o rumo da Linguística há 60 anos e ainda estão presentes na Linguística do século XXI, me levaram a propor ao Colegiado do Programa que o número 2 de 2017 (v. 13) da *Revista Linguística* fosse uma celebração dos 60 anos dessa obra genial e, conseqüentemente, do seu autor, o Linguista Noam Chomsky.

¹ Professora Doutora do Departamento de Linguística e Filologia da UFRJ e do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFRJ.
E-mail: alerialage@gmail.com

Esse número é também em homenagem à primeira leitora de *Syntactic Structures* no Brasil, a Professora Emérita Miriam Lemle, naquela ocasião no Museu Nacional, da UFRJ, polo de estudo de línguas indígenas brasileiras, onde a ciência linguística começou no Brasil, com Mattoso Câmara, de quem foi aluna, junto com Yonne Leite. Assim, os orientandos de Yonne Leite que se tornaram professores no nosso Programa mantiveram contato próximo com Miriam Lemle, que colaborou, portanto, na sua formação em Gramática Gerativa: Marília Facó Soares, Bruna Franchetto e Marcus Maia.

A leitura apaixonada de SS definiu a sua vida dedicada à pesquisa em Gramática Gerativa, sendo propulsora dessa novidade no Brasil. Miriam Lemle foi recebida pelo Chomsky em 1985, em um pós-doutorado pela *Fullbright* no MIT, e recebeu o Chomsky aqui na UFRJ em 1996. É Professora Emérita da UFRJ desde 2007, bastante atuante na Pós-Graduação e, neste ano de 2017, se torna octogenária em plena atividade. Miriam Lemle, a quem muito agradecemos pela enorme contribuição acadêmica, foi e é, portanto, a inspiração de muitos linguistas no Brasil e foi a orientadora de vários professores do nosso Programa, entre os quais tenho a grata satisfação de me encontrar: Humberto Menezes, Celso Novaes, Aniela Improta França, Aleria Lage e Alessandro Boechat de Medeiros.

Esse número da nossa revista não poderia começar melhor do que com a voz do próprio Chomsky, na entrevista dada ao Alessandro Boechat. Agradecemos muito ao Andrew Nevins, também professor do nosso Programa, pelo apoio para conseguirmos encontrar um horário na agenda do Chomsky, especialmente no ano de celebração dos 60 anos de SS. Mandamos ao Chomsky um convite formal, mas o Andrew teve a oportunidade de falar pessoalmente do nosso desejo de ter uma entrevista com ele, e assim ele nos acolheu generosamente na sua agenda tão apertada. Saiu então uma bela entrevista, em que Chomsky mostra uma visão panorâmica e histórica da sua obra, mas também vai a aspectos do estado da arte da Gramática Gerativa, em comparação, por exemplo, com versões não lexicalistas da teoria. Chomsky fala da história de SS, da sua repercussão e da resenha de Skinner (1957), *A Review of B. F. Skinner's Verbal Behavior*, submetida à *Language* em 1957 e publicada por ela em 1959. Chomsky fala ainda de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981) até os dias de hoje; sobre *Internal Merge*; um pouco de Morfologia Distribuída, mencionando a natureza das raízes e sua interação com outros objetos gramaticais; e sobre o estudo da Linguística e o desenvolvimento do pensamento crítico.

Além de fazer a entrevista com o Chomsky, Alessandro Boechat contribuiu para esse número também com uma resenha do livro de Maximiliano Guimarães, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), chamado *Os fundamentos da teoria linguística de Chomsky*, publicado esse ano de 2017 pela Editora Vozes e com lançamento marcado para acontecer no evento SEPLA, do Programa de Linguística da UFRJ, em dezembro. Guimarães avisa que é um livro destinado a estudantes de Letras e áreas afins, com um caráter introdutório, isto é, para iniciantes no estudo da gramática dentro da visão de Chomsky. Mas o resenhista adverte que Guimarães (2017) traz uma introdução à teoria de Chomsky muito robusta e detalhada, com o mérito de não ser simplória e de convidar o leitor a ir aos originais.

O *squib* de Uli Sauerland e Pooja Paul, *Discrete infinity and the syntax-semantics interface*, que compõe este número da *Revista Linguística*, discute a infinitude discreta dos números naturais e a

relação entre essa infinitude discreta e a interface sintaxe-semântica. O tema aparece de maneira contundente em SS, quando Chomsky resgata as proposições de Humboldt, em que a infinitude discreta é uma propriedade central da linguagem, e acrescenta que a infinitude discreta está presente também nos números naturais. Sauerland e Paul chamam a atenção para o fato de que *Merge* por si só não é capaz de derivar infinitude discreta, sendo necessário também um Léxico mínimo, isto é, na falta de Léxico, *Merge* não pode promover infinitude discreta (Chomsky, 2007).

Os autores afirmam, por fim, que, se não existisse sintaxe para os termos de número complexo, somente os números simples seriam acessíveis ao pensamento matemático. São essas considerações cuidadosas que levam, para a última análise, os elementos mínimos necessários para sintaxe, rejeitando toda e qualquer estipulação, e isso vem reeditando as ideias de SS até os estados mais elegantes da teoria na versão minimalista.

Depois da entrevista com o Chomsky, da resenha de Guimarães (2017) e do *squib* de Sauerland e Paul, introduzimos o artigo de Howard Lasnik, que é o coautor mais antigo e frequente de Chomsky. Lasnik se autodefine um teórico conservador, que muitas vezes tenta trazer de volta análises antigas, repensando a teoria, ou manter análises atuais que estariam sendo de alguma forma suplantadas.

O artigo de Howard Lasnik, *Formal considerations 60 years later*, é uma contribuição grandiosa para esse número da *Revista Linguística* e, sem dúvida, para o melhor entendimento dos primórdios da Gramática Gerativa e até hoje. Lasnik apresenta, com intimidade, o surgimento da Gramática Gerativa Transformacional, uma nova maneira de entender a linguagem cientificamente. Defende que a teoria sintática formal teve origem em Chomsky (1955), *The Logical Structure of Linguistic Theory* (LSLT), porém ela só foi de fato mostrada para o mundo a partir de SS, onde a teoria aparece de forma resumida, para que pudesse ser publicada em um livro de pequenas dimensões (Chomsky, 1957) e abordada em um curso de um semestre no MIT.

Lasnik adverte que a SS não é só um resumo de LSLT, mas traz novidades, como uma proposta contrária aos *Processos de Markov* (nos quais estados anteriores não servem para a predição dos estados seguintes), que Chomsky considera dispositivos que não estão de acordo com a infinitude discreta e a recursividade, propriedades básicas das línguas naturais. Depois de estabelecer as bases do pensamento gerativista de Chomsky, ele passa por argumentos, de Chomsky (1965), contra as transformações generalizadas presentes em SS e LSLT. Lasnik, por fim, mostra que muito de SS e LSLT, como recursividade, estrutura, derivação e autonomia da sintaxe, persiste no do quadro teórico atual da Gramática Gerativa.

Richard Larson e Ivana LaTerza, em *Revisiting Article-S*, retomam a análise de Smith (1964), o primeiro estudo, dentro da Gramática Gerativa e no âmbito de SS, sobre sentença relativa em inglês. Comumente, a sentença relativa é considerada um modificador de um NP, que se junta (*merges*) a esse NP por adjunção, formando uma projeção NP. A análise de Smith (1964) ficou conhecida como *Article-S* e trata a sentença relativa enquanto complemento de um Determinante, que, ao se juntarem,

projetam D', que, por sua vez, seleciona um NP. Larson e LaTerza discutem a análise *Article-S* diante do desenvolvimento da Teoria Gerativa, observando, entre outros pontos, o modelo de *dP/DP shells*, de Larson (2014); a proposta de LaTerza (2014, 2015, 2016), que contraria a ideia de que sérvio é uma língua *D-less*; e o estudo de Finer (1998), que trata de relativas em Selayarese, Makassarese, Konjo e Bugis, que são línguas do Sudoeste de Celebes (*Sulawesi*), na Indonésia.

Anna Maria Di Sciullo, que comemora, também em 2017, 10 anos à frente do consolidado evento *Biolinguistic Conference*, contribui para esse número da nossa revista com o artigo *Asymmetry and the Language Faculty*. Di Sciullo trata das propostas do homenageado SS e do Programa Minimalista no que se refere à autonomia da sintaxe e a sua precedência em relação à semântica e à fonologia. As análises da autora tomam como base os princípios da computação eficiente e as assimetrias estruturais derivadas da computação na Faculdade da Linguagem. E como argumento a favor da autonomia da sintaxe, Di Sciullo propõe a derivação de categorias funcionais não pronunciadas, discutindo as conjunções coordenativas e as preposições, ora pronunciadas ora não nos numerais cardinais e nas construções para contar o tempo.

Giuseppe Longobardi nos apresenta uma nova versão do seu texto *Theory and experiment in Parametric Minimalism: the case of Romance Negation*, publicado antes, em 2014, pela editora John Benjamins, como capítulo do livro *Language description informed by theory*. Longobardi dá importante contribuição para o estudo da negação nas línguas românicas, discutindo as propriedades das *N-words* (palavras negativas) – em italiano, *nessuno* (ninguém), *niente* (nada) – segundo o traço [+ANY], que caracteriza o NPI (*Negative Polarity Item* – Item de Polaridade negativa), e o traço [+NOT], próprio dos quantificadores negativos independentes. O autor também propõe uma análise da Negação abrangendo as principais diferenças entre as línguas românicas, através do *negative concord parameter*. Por exemplo, em espanhol e italiano as *N-words*, que apresentam *negative concord* na posição *post-Infl*, seriam especificadas por [+NOT] e [+ANY], ao passo que as *N-words* em inglês (*nobody*, *nothing*) seriam especificadas [+NOT] e [-ANY].

Mary Kato, figura ilustre da Linguística Brasileira, apresenta, em forma de artigo, seus estudos e manuscrito produzidos para a sua conferência proferida no I SINCAR – *Encontro sobre Sintaxe Cartográfica: Teoria e Experimentação*, na UFRJ, em 1º. de agosto de 2017. Ou seja, nós da UFRJ tivemos a satisfação de receber Mary Kato em conferência e em artigo e compartilhamos agora com os leitores da nossa revista. *A mudança na posição estrutural de Foco no português brasileiro*, de Mary Kato, inicia a apresentação, nesse número, de uma série de aspectos sintáticos do Português do Brasil (PB). A autora aqui mostra que a mudança que houve no PB quanto a Foco foi que a projeção alta do *FocusP*, presente antes do século XVIII, deixou de existir e deu lugar à ativação da periferia baixa adjacente a vP para Foco e para os constituintes-*wh*. Mary Kato postula um CP sem expansão e sem *FocusP* na periferia do vP, argumentando que essa parece ser a melhor solução para explicar Foco no PB.

Continuando com a abordagem de estruturas em PB, Humberto Borges e Acrísio Pires, em *The emergence of Brazilian Portuguese: earlier evidence for the development of a partial null subject*

grammar, analisam dados do PB, que é considerada parcialmente uma língua de sujeito nulo (*null subject language* – NSL). Mais precisamente, os autores investigam dados de manuscritos do estado de Goiás do período colonial, nos séculos XVIII e XIX, e detectam diminuição significativa na ocorrência de sujeito nulo. Os dados trazidos pelos autores parecem então constituir a evidência mais antiga de queda na produção de sujeitos nulos no PB, isto é, de mudança na gramática do PB, que passa de uma língua de sujeito nulo consistente para uma língua de sujeito nulo parcial.

Ainda sobre sujeito nulo, especialmente no PB e em outras línguas românicas, e como bem diz o título do artigo, *O estado da arte dos estudos sobre posições de sujeito, sujeitos nulos e marcas flexionais*, Maria Cristina Figueiredo Silva traz um panorama de pesquisas sobre o Parâmetro do Sujeito Nulo, a morfologia da flexão e a posição de sujeito, focalizando o sujeito nulo nas línguas românicas e a respectiva morfologia robusta da flexão e apresentando a proposta da tipologia de sujeitos nulos de Biberauer, Holmberg, Roberts e Sheehan (2010). O japonês e o chinês são tratados como *línguas de sujeito nulo radical*, pois o sujeito é sempre nulo se o tópico for proeminente. E o PB, como *língua de sujeito nulo parcial*, o que quer dizer que o sujeito nulo é opcional, ou seja, há uma variação entre sujeito nulo e sujeito realizado, com uma forte tendência para maior ocorrência de sujeito realizado. Segundo o modelo minimalista, nas construções de sujeito nulo o traço EPP não é checado em [Spec, TP], pois o sujeito não vai para essa posição, e, ao mesmo tempo, se entende haver uma morfologia flexional forte, rica. Mas a questão, para a qual Figueiredo Silva chama muito a atenção e discute, é: como definir esse tipo de morfologia flexional? Onde está essa consistência na flexão?

Em *Does inflection matter? A few more notes on BP inflected infinitives*, Marcello Modesto, se baseia nos resultados de Modesto e Maia (2017), que pesquisaram o desempenho de falantes nativos do PB, e reforça sua argumentação de que a flexão infinitiva (FI) não é exclusivamente um produto da escolarização, ao contrário do que defendem Rodrigues e Hornstein (2013). Modesto apresenta em seu artigo argumentos linguísticos e históricos ao afirmar que o uso do infinitivo plural por falantes do PB pode independe de escolarização, mesmo se sabendo que há aspectos de uma segunda gramática, presentes na periferia da língua-I, que podem eventualmente vir de escolarização (Chomsky, 1988).

“Ver” como marcador pragmático em português brasileiro, de Patrícia Rodrigues e Marcus Vinícius Lunguinho, apresenta uma proposta de computação sintática dos atos de fala ao analisar a construção sintática em que o verbo *ver* tem o papel de marcador pragmático (*vê lá*). Os autores, adotando literatura recente, tomam como base a existência de um *Speech Act Phrase* – SAP, sintagma de interface com a pragmática, e concluem que o verbo *ver* nesse tipo de construção teria passado por um processo de pragmaticalização.

Passando para a sintaxe no estudo de línguas indígenas brasileiras, introduzimos o artigo de Marília Facó Soares, *A análise de tempo em Ticuna (Tikuna) revisitada: questões sobre anafóra temporal e sequenciamento temporal*, que traz, além de descrição e análise da língua Ticuna, um tema pouco abordado no estudo de línguas indígenas brasileiras, que é a interpretação de Tempo juntamente com sua manifestação morfológica. Baseando-se nas propostas teóricas de Hornstein (1990) e Zagana

(2014), e retomando questões em aberto em Soares (2005), a contribuição que Soares faz aqui para a Teoria Gerativa está especialmente em, diante de fartura de dados, identificar a inexistência de sequenciamento temporal (SOT) em uma língua natural.

Ainda tratando de língua indígena brasileira, Marcia Damaso Vieira e Pollyanna Castro, em *Identificando os núcleos aplicativos baixos no crioulo guineense e no tupinambá (família tupi-guarani)*, apresentam reflexões sobre aplicativos baixos a partir de dados da língua indígena brasileira tupinambá, e também a partir de uma língua geneticamente não relacionada, o crioulo da Guiné Bissau. O tupinambá, língua já extinta da família tupi-guarani, foi falada na costa do Brasil. E o crioulo da Guiné Bissau, país da costa ocidental da África, formou-se a partir do português europeu (língua do superstrato) e de línguas africanas da família nigero-congolesa (línguas do substrato). Os dados do tupinambá foram extraídos, por Marcia Damaso Vieira, de gramáticas antigas, dos séculos XVI e XVII. A pesquisadora tem muita experiência com dados de línguas da família tupi-guarani. E os dados do crioulo da Guiné Bissau foram coletados por Pollyanna Castro, de falantes nativos, na ocasião da elaboração da sua tese de Doutorado, defendida em fevereiro de 2017 (Castro, 2017).

Com base no modelo teórico da Morfologia Distribuída, as autoras verificam que os três tipos de morfemas aplicativos baixos que a literatura postula – *to-the-possession-of* e *from-the-possession-of*, de Pylkkänen (2002, 2008), e do tipo *posse estática (at)*, de Cuervo (2003) – ocorrem como uma única estrutura em cada uma das línguas estudadas. No tupinambá, língua do tipo aglutinante, encontram-se estruturas com incorporação nominal do tipo *possessor-stranding* para expressar os três tipos de núcleos aplicativos. O crioulo da Guiné Bissau, língua do tipo isolante, recorre a estruturas com *dative shift* para codificar os três tipos de aplicativos.

The Split-S System and the source of the absolutive case in Tenetehára, de Fábio Bonfim Duarte, também contribui para o estudo das gramáticas das línguas da família Tupi-Guarani. O autor faz uma análise cuidadosa de dados do Tenetehára sobre checagem e atribuição de Caso aos argumentos do verbo, explicando, a partir da noção de domínio da fase, a relação entre vários tipos de sistemas de Caso e a ordem dos argumentos. Além disso, quando questiona a *Generalização de Burzio* (Burzio, 1986), que decorre da *Hipótese Inacusativa* de Perlmutter (1978), Fábio Bonfim Duarte mostra que é possível a atribuição de caso acusativo a sujeito de verbo inacusativo em Tenetehára.

Passamos para as valiosas revisões de importantes pontos da Gramática Gerativa. *Movement and islands: a key issue in Generative Grammar*, de Marina Augusto, apresenta uma revisão muito clara e detalhada sobre *restrições de ilhas*. O artigo revisa, de forma muito didática, desde a proposta inicial de Ross (1967); chega à maior adequação explanatória de Chomsky (1973), que traz as *ilhas de Ross* na condição de subjacência; e passa por *Barriers*, Chomsky (1986), que junta outros princípios à subjacência, a partir da noção de regência, até que começa a discutir a concepção de *ilha sintática* nos tempos minimalistas da Teoria Gerativa. Passa também por abordagens diversas, como a que trata da *Condição do Elo Mínimo (Minimal Link Condition)*, de Chomsky (1995), e a que toma como base a *Condição de Impenetrabilidade da Fase (Phase Impenetrability Condition)*, de Chomsky (2000). Para tornar ainda mais interessante a discussão sobre *ilhas sintáticas*, a autora relaciona a Linguística

Formal da Gramática Gerativa com teorias de processamento linguístico.

Finalizando as revisões teóricas e o número atual, *Small Clauses: origins and state of the art*, de Marcos Carreira, Maria José Foltran e Andrea Knöpfle, apresenta uma revisão detalhada e desde os primórdios do conceito de *Small Clauses* – SC (Chomsky, 1955/75, 1957), que são estruturas em que se estabelece a relação entre sujeito e predicado sem a complexidade original do nó *Inflection*. Assim, em uma mini-orção (SC), o predicado pode ser um VP com verbo não flexionado, um AP, um NP ou um PP. Os autores destacam as discussões em torno das construções com predicados do tipo AP e NP, que são as estruturas de SC mais discutidas, e trazem também dados do PB.

Não poderia deixar de agradecer a todos os pareceristas, que atuaram intensamente nesse número *hollywoodiano* da *Revista Linguística*, que tenho muita satisfação em ter organizado. Espero que todos tenham uma ótima leitura desses preciosos artigos, de autores brasileiros e estrangeiros, da resenha do livro do Max (Guimarães, 2017) e da entrevista inesquecível com o nosso homenageado, a quem cumprimos, agradecemos e desejamos vida longa.

REFERÊNCIAS:

Biberauer, T; Holmberg, A.; Roberts, I.; Sheehan, M. (eds.) (2010). *Parametric variation: null subjects in minimalist theory*. Cambridge: Cambridge University Press.

Burzio, L. (1986). *Italian syntax*. Dordrecht: Reidel.

Castro, P. P. (2017). *Aplicativas, infinitivas e periferia esquerda na língua crioula de Guiné-Bissau*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Chomsky, N. (2007). *Approaching UG from below*. In: SAUERLAND, U.; GÄRTNER, H-M (eds.). *Interfaces + recursion = language? Chomsky's minimalism and the view from syntax-semantics*. Berlin: Mouton de Gruyter, p. 1-29.

_____. (2000). *Minimalist Inquiries: the framework*, In: Martin, R., D. Michaels & J. Uriagereka (eds.) *Step by step*. Essays on minimalist syntax in honor of Howard Lasnik, Cambridge, Mass., 89-155.

_____. (1995). *Minimalist Program*. Cambridge, MA. The MIT Press.

_____. (1988). *Language and problems of knowledge*. Cambridge, MA: The MIT Press. (The Managua Lectures)

_____. (1986). *Barriers*, MIT Press, Cambridge, Massachusetts.

- _____. (1981) *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht, Holland, Foris.
- _____. (1973). Conditions on transformations. In: Anderson, S. R. & P. Kiparsky (eds.), *A Festschrift for Morris Halle*, Holt, Reinhart and Winston, Inc., New York.
- _____. (1959). A Review of B. F. Skinner's Verbal Behavior. *Language*, 35, 1, 26-58.
- _____. (1957). *Syntactic Structures*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- _____. (1955/75). *The Logical Structure of Linguistic Theory*. New York: Plenum.
- Cuervo, (2003). *Datives at large*. PhD Dissertation, MIT.
- Finer, D. (1998). Sulawesi relatives, V-raising, and the CP-complement hypothesis. *The Canadian Journal of Linguistics* 43, issue 3/4, 283-306.
- Guimarães, M. (2017) *Os fundamentos da teoria linguística de Chomsky*. Petrópolis: Vozes. 392p.
- Hornstein, N. (1990). *As time goes by: Tense and Universal Grammar*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Larson, R. (2014). *On shell structure*. London: Routledge.
- LaTerza, I. (2016). Binding in English and South Slavic and the parameterized DP-hypothesis. *Linguistic Inquiry* 47: 741-753.
- _____. (2015). Adjectives and determiners. *Lingua* 168: 85-103.
- _____. (2014). *The DP category and Serbian nominal structure*. PhD thesis. Stony Brook University.
- Longobardi, G. (2014). Theory and experiment in Parametric Minimalism: the case of Romance Negation. In: Pensalfini, R.; Turpin, M.; Guillemain, D. (eds.) *Language description informed by theory*. Amsterdam: John Benjamins. p. 217–262. (Studies in Language Companion Series, 147)
- Modesto, M.; Maia, M. (2017). Representation and Processing of the Inflected Infinitive in Brazilian Portuguese: an eye-tracking study. *Revista de Estudos da Linguagem*, v. 25, n. 3, 1183-1224.
- Perlmutter, D. M. (1978). Impersonal passives and the unaccusative hypothesis. In: *Proceedings of the Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society* 38. Published for BLS by the Linguistic Society of America.

Pykkänen, L. (2008). *Introducing arguments*. Cambridge, MA: The MIT Press. (Linguistic Inquiry Monographs, 49)

_____. (2002). *Introducing arguments*. PhD Dissertation, MIT.

Rodrigues, C.; Hornstein, N. (2013). Epicene agreement and inflected infinitives when the data is “under Control”: a reply to Modesto (2010). *Syntax*, v. 16, 292-309.

Ross, J. R. (1967). *Constraints on Variables in Syntax*. Tese de doutorado, MIT, 1967.

Skinner, B. F. (1957) *Verbal Behaviour*. New York: Applenton-Century-Crofts.

Smith, C. S. (1964). Determiners and relative clauses in a generative grammar of English. *Language*, 40: 37-52.

Soares, M. F. (2005). Da representação do Tempo em Tikuna. In: Rodrigues, A. D. & Cabral, A. S. A. (orgs.) *Novos estudos sobre línguas indígenas*. Brasília: Editora da UNB.

Zagona, K. (2014). Sequence-of-tense and the features of finite tenses. *Nordlyd* 41. 2: 261-272.